

A REALIDADE PEDAGÓGICA DO ENSINO DAS DANÇAS REGIONAIS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: A EXPERIÊNCIA DO PIBID/UEFS

Camille Oliveira Pereira ¹
Taís Miranda Cardoso Coutinho ²
Evódio Maurício Oliveira Ramos ³

RESUMO

Este relato de experiência evidencia o processo de ensino das danças regionais no 9º ano do Ensino Fundamental a partir de atividades ritmadas e jogos, esse processo é resultado das ações desenvolvidas através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da Universidade Estadual de Feira de Santana (PIBID/UEFS), por uma bolsista de iniciação à docência do subprojeto de Educação Física, em uma escola pública estadual no município de Feira de Santana - Bahia. A dança é um conteúdo que precisa estar presente nas aulas de Educação Física, contudo, a sua inserção na sala de aula é atravessada pela resistência dos alunos e pelas limitações formativas enfrentadas pelos professores de Educação Física em relação ao ensino da dança, dessa forma, além de proporcionar a aproximação de futuros professores de Educação Física, o PIBID também permite a construção e sistematização de opções metodológicas para o trato com conteúdos específicos da Educação Física. Dessa forma, esse relato perpassa pelos processos de observação, coparticipação e regência das aulas propostos pelo PIBID/UEFS, onde os resultados mostraram que muitos alunos desconheciam danças regionais, havendo resistência na execução dos movimentos de dança e desafios relacionados ao gênero, mas que, ao ser oportunizado a vivência e integração com essa temática, houve aprendizagem significativa e compreensão das diferentes dimensões que permeiam essa prática corporal enquanto conteúdo das aulas de Educação Física.

Palavras-chave: PIBID, Danças Regionais, Ensino fundamental.

INTRODUÇÃO

É sabido que a dança integra um dos conteúdos da cultura corporal da Educação Física escolar, dessa forma, deve ser abordada na escola de maneira intencional e fundamentada para assim garantir a efetivação do processo de ensino e aprendizagem. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao integrar a dança no currículo das turmas de ensino fundamental se oportuniza aos estudantes experimentar diferentes formas de movimentos, explorar culturas diversas e adquirir uma compreensão mais profunda da linguagem corporal, com os objetivos de conhecimento, onde se propõem os seguintes eixos: dança no contexto

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Educação Física, Universidade Estadual de Feira de Santana -BA, oliveirapereiracamille@gmail.com;

² Mestra em Educação, Professora da Educação Básica/SEC – BA, taismirandacardoso@hotmail.com;

³ Doutor em Educação, Professor Adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana-BA, emoramos@uefs.br.

comunitário e regional, danças do Brasil e do mundo, danças de matriz indígena, africana e danças urbanas.

De acordo com Marques (2003) a escola tem o papel não de só reproduzir, mas de instrumentalizar e de construir conhecimento sobre/através da dança com seus alunos, uma vez que ela é uma forma de conhecimento, um elemento essencial para a educação do ser social. Dessa forma, como todos os componentes curriculares existentes na escola, a Educação Física possui um papel fundamental nas transformações sociais que podem ocorrer a partir da formação do indivíduo. Assim, a ação por meio da dança pode estar ligada ao âmbito educacional da Educação Física, pois a dança, além de ser uma prática corporal, é também um processo educativo. Ela é crucial para que a pessoa compreenda o que é o movimento e por que ele é realizado, já que a expressão através do movimento deve, acima de tudo, ser feita de maneira consciente (GARIBA, 2005). A dança nos possibilita “falar sem usar as palavras”, nos permite transmitir sensações e sentimentos e até superar limites impostos por nós mesmos. “[...] É como se a dança fizesse parte do ser” (BARRETO, 2004, p.1).

Sendo assim, o objetivo do presente relato é apresentar a realidade pedagógica do ensino das danças regionais a partir de atividades ritmadas e jogos para o Ensino Fundamental nas aulas de Educação Física, como uma possibilidade de vivência da dança, reconhecendo desafios presentes e potenciais nas abordagens de ensino. No que tange ao contexto dessas experiências e sujeitos participantes, as mesmas ocorreram em uma unidade escolar da rede estadual pública do estado da Bahia, em uma turma de 9º ano, do turno matutino, que possuía um quantitativo de 35 a 40 alunos, com carga horária de 02 aulas semanais de Educação Física, para além, todo o planejamento e execução das aulas foram orientadas pela professora supervisora e pelo coordenador do subprojeto.

METODOLOGIA DE TRABALHO

Este relato tem seus registros e análises tecidos a partir das experiências pedagógicas realizadas nas intervenções desenvolvidas no subprojeto de Educação Física PIBID da UEFS em uma escola pública estadual no município de Feira de Santana, localizado num bairro de classe média que atende a um público de alunos na sua maioria oriundos de áreas periféricas e com baixo poder aquisitivo que precisam se deslocar para poder acessar o ensino.

Em contraponto, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) tem o objetivo de antecipar o vínculo dos futuros docentes das licenciaturas

da UEFS, para com a comunidade escolar da rede pública, possibilitando assim novas experiências acadêmicas, colocando em prática o que é ensinado dentro da universidade. Nesse sentido, o subprojeto de Educação Física tem um papel relevante nesse processo, visto que, proporciona a inserção dos bolsistas nos espaços escolares a fim de desenvolverem suas práticas pedagógicas e evidenciar cultura corporal como conhecimento nas aulas de Educação Física. Essa experiência na escola-campo foi sistematizada e dividida em 03 momentos: observação, na qual o bolsista acompanha as aulas do professor supervisor; coparticipação, no qual intervém na aula em momentos determinados e pontuais orientado pelo supervisor, como por exemplo, registrar a frequência, esclarecer dúvidas, orientar alunos, ditar e/ou escrever atividades; e por fim, a etapa da regência, no qual o bolsista passa de fato a reger as aulas, a intervir com o seu próprio plano de ensino, mas sempre com o auxílio e suporte do professor supervisor.

Dessa forma, os projetos e iniciativas institucionais promovidos pela universidade proporcionam conhecimentos e vivências para a fundamentação de ensino desses alunos. Assim, as abordagens dos estudantes bolsistas às escolas durante sua graduação, permitem estabelecer novas metodologias de ensino de um conteúdo com base na situação em que está contextualizando.

Nesse sentido, a inserção do conteúdo dança regionais para a turma de 9º ano C, ocorreu inicialmente apresentado à turma a proposta de ensino do ciclo, onde se teve uma significativa indagação da turma, se os mesmos teriam que dançar ou não. Através dessa situação foi desenvolvido um planejamento para a unidade de ensino, com 10 planos de aulas fomentados pelo questionamento dos alunos, buscando garantir o que seria essencial no conteúdo, mas também estratégias de ensino para além da execução de movimentos de danças. As aulas foram ministradas ao longo de 04 semanas, priorizando métodos como jogos e dinâmicas para executarem as atividades de maneira mais eficaz e dinâmica, por conta da contextualização da exposição da turma na dificuldade de se trabalhar com o conteúdo de dança, talvez pela timidez, ou de achar que não saberiam dançar.

A primeira aula teve como objetivo a contextualização, sendo realizada em um primeiro momento uma introdução ao conteúdo das danças regionais, abordando o conceito, tipos e características. No segundo momento foi praticado um “jogo de quiz” com modelos e características das danças regionais brasileiras, realizado com a turma dividida em 06 grupos. Foram utilizados papéis, no qual os alunos deveriam relacionar os papéis recortados com os exemplos das danças e suas características, de forma correta, contabilizando os acertos e os pontos marcados.

A segunda aula ficou destinada a correção das respostas do “jogo quis” e estabelecido à tabela das posições das equipes em relação à contagem dos pontos. Após esse momento aconteceu na quadra poliesportiva à realização da atividade “Passa ou repassa”, no qual a turma foi dividida em 04 grupos. De cada grupo foi escolhido um aluno para ficar na frente do seu respectivo grupo e correr até o professor, para aquele que chegasse primeiro, tivesse o direito de responder a pergunta sorteada por ele, sendo a pergunta sobre danças regionais brasileiras, podendo consultar o grupo por 30 segundos, respondendo rápido e/ou repassando para o próximo grupo. No momento final foi avaliada a participação dos alunos e a interação da turma com a atividade realizada, levando em consideração o que eles já conhecem e sabem sobre as danças, de acordo com os conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida.

Na terceira aula foi apresentada a proposta de trabalho, a qual sugeria que as equipes desenvolvessem pesquisas sobre danças regionais brasileiras, sendo elas: samba, carimbó, côco, bumba-meu-boi e frevo. Após o levantamento das informações sobre essas danças, as equipes deveriam confeccionar cartazes expositivos sobre essas danças, com informações e imagens, com as características referentes à origem, ritmos, povos e região. Além dos cartazes eles deveriam também trazer uma pequena sequência de movimentos ritmados, de acordo com cada dança regional, sendo definidos os critérios de avaliação dessa atividade, as datas de apresentação e datas de montagem para a construção do material a ser elaborado para apresentação.

A quarta, a quinta e a sexta aula foram destinadas a montagem do cartaz, no qual os alunos levaram papéis, canetas, e imagens para colocar no cartaz, tendo sempre o acampamento e a orientação dos professores, bolsista e a supervisora. A sétima e a oitava aula foram designadas para as apresentações. A nona aula foi destinada para discussão e reflexão sobre as apresentações. A partir da apropriação do conhecimento das danças propostas, foi oportunizada a vivência de elementos que circunscrevem a dança, como ritmo, tempo, espaço e compasso. Com o ritmograma foi possível, a partir de algumas músicas, a vivência de movimentos como baterem palma, baterem o pé no chão e outros elementos descritos nos espaços do ritmograma desenhado no quadro. Essa atividade permitiu o desenvolvimento da habilidade auditiva e da percepção dos conceitos abordados na aula.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira aula e segunda aula, nas quais foram realizadas o “jogo de conceitos” e o “responde ou repassa”, com características das danças regionais brasileiras através

conhecimento prévio dos alunos, foi possível perceber ao longo da realização dessa atividade que grande parte dos alunos nem se quer tinham ouvido falar de algumas danças presentes na atividade, expressadas por meio de questionamentos “o que é côco?” ou “nunca ouvi falar de carimbó”. Dessa forma, grande parte da turma não conhecia a maioria das danças da sua própria região, perdendo assim a oportunidade de conectar-se com sua cultura e história local, o que pode levar a um distanciamento das tradições e identidade da comunidade.

Na terceira aula ao apresentar a proposta do trabalho que seria de cunho avaliativo, surgiram alguns questionamentos dos alunos e insatisfação no que diz a respeito à distribuição da nota, no que se referia a parte da apresentação da sequência de movimentos da sua equipe da dança regional, por muitos não terem essa aproximação com essas danças expressaram inicialmente um sentimento de negação e desafio, mas na verdade era algo bem simples que eles tinham sim a capacidade de fazer, mas por timidez e ou até mesmo a questão de restrições de alguns estudantes, o que é muito comum encontrar em turmas do Ensino Fundamental, na qual muitos ainda não tem maturidade suficiente para administrar pequenas situações que fogem da lógica do que os mesmos conhecem. Essa resistência se configura como um dos desafios presentes nas escolas ao se trabalhar o conteúdo de dança na sala de aula, onde os alunos primeiramente se negaram a fazer os passos de dança no trabalho, mas depois de uma conversa com a turma houve um consenso, se mantendo a proposta.

Na quarta, quinta e sexta aula, na atividade de montagem do cartaz, grande parte dos grupos na primeira aula destinada para isso, não trouxeram os materiais suficientes para a confecção e desenvolvimento dos cartazes, mas já na segunda aula reservada também para esse fim, eles já avançaram e trouxeram os papéis, imagens ilustrativas das danças, um momento bem dinâmico onde grande parte da turma estava reunida com seus grupos, havendo trocas de informação para chegar ao resultado da atividade proposta.

Na sétima e oitava aula aconteceu às apresentações nos quais os grupos fundamentaram muito bem diante do objetivo proposto, de apresentar a origem, características, ritmo, região, povos da dança regional brasileira de seu respectivo grupo, porém de 05 grupos, 02 não apresentaram a sequência de passos rítmicos que representassem a dança de seu grupo. Como justificativa apresentada, um dos grupos relatou que era composto por exatamente 05 meninos e 01 menina, o único que tinha a maioria homens, e tinham como desafio apresentar a dança Maracatu. Afirmaram que não realizaram a atividade dos movimentos dessa dança porque a coreografia realizada seria em dupla, dançar em casal, homem com mulher, e, naquele momento eles não estavam preparados para dançarem entre homens. Entretanto, essa não foi uma justificativa plausível para tal fato, uma vez que eles

poderiam adaptar a coreografia para fazer individual, pois o Maracatu não é só realizado por dupla de homem e mulher, assim como também poderiam realizar em dupla do mesmo gênero. Dessa forma, foi evidente a presença da questão de gênero e identidade na sala de aula, na qual muitas vezes, a dança pode ser associada a estereótipos de gênero, onde certos estilos de dança são considerados mais apropriados para um determinado gênero. Isso pode restringir a liberdade de expressão dos alunos e reforçar normas de gênero prejudiciais. Portanto, é possível perceber que ainda existe um estereótipo relacionado com dança em dupla, há uma dificuldade dos meninos quererem fazer pequenos passos de dança com seu colega de turma, ou seja, a problematização da questão do gênero, na dança ainda é muito presente.

Mas apesar dessa problemática bastante comum, o trabalho foi efetuado de forma que pode oportunizar a vivência das danças regionais brasileiras com a participação e integração dos grupos, cada um apresentando uma dança, que muitos ainda nem conheciam, no entanto, foi uma troca rica de novos conhecimentos adquiridos e transpassados a partir da forma teórica, com o cartaz, e de forma prática com a parte da apresentação da dança.

Nesse sentido, de acordo Vago (1996), o espaço escolar é considerado um espaço de ressignificação de práticas culturais presentes no meio social, com base em códigos específicos deste contexto. Dessa forma, os conhecimentos discutidos na escola são aqueles que evoluíram ao longo da história da humanidade, mas não obrigatoriamente replicados exatamente como se manifestam nas sociedades humanas, “[...] a escola, como instituição social, pode produzir uma cultura escolar de esporte que, ao invés de reproduzir as práticas de esporte hegemônicas na sociedade, [...] estabeleça com elas uma relação de tensão permanente, num movimento propositivo de intervenção na história cultural da sociedade” (VAGO, 1996, p.4).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo relatar as experiências pedagógicas do ensino das danças regionais nas aulas de Educação Física como uma possibilidade de vivência de dança através de jogos e atividades ritmadas. Os dados produzidos por essas experiências permitiram observar que a opção metodológica de ministrar as aulas através parcialmente dos jogos foi bastante satisfatório. Uma vez que logo nos primeiros momentos de contextualização inicial do que seria trabalhado, os estudantes se mostraram desinteressados pelo conteúdo dança, assim como também pela falta de familiaridade com esse conteúdo.

Construir as sequências de aulas sobre dança foi um desafio, mas uma atividade necessária, visto que a dança precisa ser desenvolvida enquanto conteúdo da cultura corporal nas aulas de educação física, a qual contribui para a diversidade cultural, a expressão corporal e a ampliação das manifestações artísticas.

É importante ressaltar que, ao longo das aulas, durante a realização das dinâmicas e jogos propostos, os alunos foram se familiarizando e mostrando curiosidade sobre o tema, já que grande parte não tinha acesso ao conhecimento dessas danças regionais. Ao trazer o conteúdo de danças regionais nas aulas de Educação Física, aparecem alguns desafios e problemas em sala de aula, mas, através de distintas metodologias e da compreensão das singularidades dos grupos de alunos, é possível buscar a superação dessas limitações.

Dessa forma, os jogos se tornaram uma forma de possibilitar a aprendizagem sobre conhecimentos referentes à dança para a turma, ao invés de focar diretamente na prática dos movimentos dançantes em grande parte das aulas, o que seria um maior empecilho. Sendo assim, encontramos mecanismos para implementar esse conteúdo de forma favorável, com a aplicação de jogos e atividades recreativas, envolvendo os alunos e promovendo estímulos que permitissem o engajamento dos mesmos na participação nas aulas e na construção de novos aprendizados e conhecimentos.

Sendo assim, essa experiência exerceu um papel significativo no progresso acadêmico, uma vez que com essa experiência foi possível ter outro olhar sobre o verdadeiro papel do professor na vida do aluno. Além disso, esse contato com a sala de aula durante a construção identitária no PIBID foi perceptível algumas frustrações diante das expectativas criadas e a realidade como é o caso do planejamento, que nós professores precisamos estar aptos a adaptá-lo diante da realidade. Sobre a formação e atuação docente, podemos inferir que o conhecimento e os saberes profissionais são primordiais para uma prática eficaz. É importante também conhecer a realidade e o perfil dos alunos, assim como desenvolver a capacidade de ouvi-lo. Dessa forma, a experiência vivenciada no PIBID contribui a construção da carreira docente, nos ajudando a enfrentar os desafios, corrigindo erros, estimulando novos aprendizados.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica - Educação é a Base/ Ensino Médio. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: SEB, 2017.
Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

HASS, A. N; GARCIA, A **metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo, Cortez, 1992. Ritmo e dança. 2. ed. Canoas: Ed. ULBRA, 2006.

BREGOLATO, R. A. **Cultura corporal da dança**. São Paulo: Ícone, 2000. (Coleção - educação física escolar: no princípio de totalidade e na concepção histórico social- v. 1).

VAGO, Tarcísio M. O “esporte na escola” e “o esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente. Um diálogo com Valter Bracht. **Movimento**, Ano III, n. 5, 1996.

BARRETO, Débora. **Dança...** Ensino, sentidos e possibilidades na escola. Campinas, SP: Autores Associados: 2004.

MARQUES, Isabel A. **Ensino de dança hoje**: textos e contextos. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GARIBA, C. M. S. **Personal Dance: Uma Proposta Empreendedora**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção)-Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

